

## **VOZES DA ESFERA CLÍNICA, REPRESENTAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO DO HOMOSSEXUAL: UMA ANÁLISE DISCURSIVA CRÍTICA DE REPORTAGENS DA VEJA**

Isley Borges da **SILVA JUNIOR**<sup>1</sup>  
Maria Aparecida Resende **OTTONI**<sup>2</sup>

*Universidade Federal de Uberlândia (UFU)*

isleyborges@hotmail.com  
cidotoni@gmail.com

**Resumo:** Este trabalho corresponde a um recorte da pesquisa “UMA ANÁLISE DISCURSIVA CRÍTICA DA REPRESENTAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO DO HOMOSSEXUAL NA REVISTA *VEJA*”, financiada pela FAPEMIG, subsumida ao projeto “Gêneros, discursos e identidades na mídia brasileira”, coordenado pela Profa. Dra. Maria Aparecida Resende Ottoni, e vinculada ao Grupo de Pesquisas e Estudos em Análise de Discurso Crítica e Linguística Sistêmico-Funcional do Instituto de Letras e Linguística da UFU. Nosso objetivo é investigar como o homossexual é representado e identificado discursivamente e como ele se representa e se identifica em três edições da revista *Veja*: 1636, 1838 e 2164, dos anos 2000, 2003 e 2010, respectivamente. Para isso, nosso aporte teórico são os construtos da Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2001, 2003; CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999) e alguns estudos sobre identidade de gênero e homossexualidade (LACAN, 1999; FREUD, 1972; FOUCAULT, 1990; BUTLER, 2003; BOURDIEU, 1999; SUPLICY, 1983). A metodologia de pesquisa é baseada nos pressupostos da pesquisa qualitativa (BAUER; GASKELL, 2002) e da Análise de Discurso Crítica – enquanto teoria e método - (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999). Neste recorte, investigamos as vozes da esfera clínica incluídas e atribuídas e como representam o homossexual e a homoafetividade. A análise da recontextualização das vozes dos psicólogos e psiquiatras nas três reportagens contribui para desvelar a defesa, por parte dos produtores das reportagens especiais, de uma evolução geracional direcionada para uma atitude de aceitação da homoafetividade. Nesse sentido, há uma construção de uma representação da homoafetividade como natural e não mais como um problema, nos tempos atuais, o que implica fim de conflitos e de preconceitos experimentados por gerações anteriores. Dessa forma, projeta-se uma representação que não condiz com o real e que camufla problemas graves ainda em evidência em nossa sociedade, pois ainda assistimos a muitos crimes de ódio que fazem como vítimas os homossexuais.

**Palavras-chave:** homossexual; discurso; esfera clínica; intertextualidade; *Veja*.

---

<sup>1</sup> Graduando em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo na Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal de Uberlândia. Rua Miguel Rocha Santos, número 495, bairro Santa Mônica, Uberlândia – MG. CEP: 38408190, isleyborges@hotmail.com.

<sup>2</sup> Professora Adjunta do Instituto de Letras e Linguística, da Universidade Federal de Uberlândia. Av. João Naves de Ávila, 2121, bloco U, sala 220, campus Santa Mônica, Uberlândia, 38.408-100, cidotoni@gmail.com.

## 1 INTRODUÇÃO

A investigação acerca da forma como os homossexuais são representados e identificados na mídia brasileira tornou-se um desejo desde que ingressei no curso de Comunicação Social: Jornalismo e, posteriormente, no Grupo de Pesquisas e Estudos em Análise de Discurso Crítica. Acreditamos que perquirir as escolhas linguísticas e semióticas utilizadas quando a temática é a homossexualidade faz-se extremamente necessária quando vivemos em um país que naturaliza a homofobia e falha nas políticas públicas voltadas aos homossexuais, bissexuais, travestis e transexuais.

Optamos trabalhar com a revista *Veja*, a revista de maior circulação do país, distribuída semanalmente, que tem público composto por 43% de homens e 57% de mulheres de 25 a 70 anos (68%), pertencentes à classe B, ou à classe média alta (53%) e moradores da região Sudeste do Brasil (59%). O veículo conta, em média, com: 922.880 assinaturas, 150.382 vendas avulsas, obtendo uma circulação líquida de 1.073.262. De modo bastante parcial, a revista sempre se posiciona acerca de temáticas polêmicas que nos assolam no cotidiano. Em entrevista cedida a nós, Sousa (2012) afirma que o texto do veículo preza pela descrição minuciosa de ambientes e personagens e deixa a desejar na apuração de fatos e escolha de fontes.

Observamos, no acervo digital da revista, três edições que trouxeram em sua reportagem especial de capa a temática homossexualidade – edições 1636, 1838 e 2164. Os títulos das capas chamaram a nossa atenção, pois percebemos que se relacionavam a uma possibilidade de enfoque da revista pautado na observação de mudanças na sociedade com relação à homoafetividade. São eles, respectivamente: “Gays: O desafio de assumir a identidade sexual”; “Gays: A vida fora do armário”; “Ser jovem e gay: a vida sem dramas”.

Imediatamente após ler os títulos, correlacionei-os e imaginei que, talvez, o objetivo da revista fosse construir a noção de que, com o passar dos anos, a sociedade tornou-se mais respeitosa e “tolerante” com a homoafetividade. Entretanto, pesquisando o número de assassinatos por homofobia no país, percebi que no ano de 2012 havia morrido mais de duzentos homossexuais vítimas da homofobia. Portanto, por que será que *Veja* optou por seguir na contramão dos fatos com as suas reportagens?

A Análise de Discurso Crítica, como acreditamos, constitui uma perspectiva teórico-metodológica direcionada a análises orientadas linguística e socialmente. Essas análises são voltadas para possibilidades de mudanças sociais e discursivas, ou seja, analisando as três

reportagens supracitadas poderemos observar como as mudanças sociais refletem-se em mudanças discursivas, numa relação dialética entre discurso e sociedade.

Vale lembrar que a Constituição Federal, mãe de todas as leis, é taxativa em seu Artigo 3º, parágrafo IV, que traz como um dos objetivos fundamentais da república “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.”

Considerando tudo isso e o potencial da mídia - vista como o segundo poder (RAMONET, 1999) - e como “mídias impressas são ricas fontes de dados de projetos de pesquisa nas ciências sociais” (MAUTNER, 2008, p. 48), propomo-nos, então, a desenvolver nosso estudo com o objetivo de analisar, com base nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2001, 2003; CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999), como o homossexual é representado discursivamente e identificado nas três reportagens especiais já mencionadas.

A metodologia de pesquisa é baseada nos pressupostos da pesquisa qualitativa (BAUER; GASKELL, 2002) e da Análise de Discurso Crítica – enquanto teoria e método - (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2001, 2003).

Como dissemos, o *corpus* de nossa pesquisa é constituído de três reportagens especiais de capa da revista *Veja*: “Pai, eu sou gay”, “A força do arco-íris”, “A geração tolerância”, de 2000, 2003 e 2010, respectivamente.

Este artigo constitui um recorte da pesquisa intitulada “Uma análise discursiva crítica da representação e identificação do homossexual na revista *Veja*”, financiada pela FAPEMIG, subsumida ao projeto “Gêneros, discursos e identidades na mídia brasileira”, coordenado pela Profa. Dra. Maria Aparecida Resende Ottoni, e vinculada ao Grupo de Pesquisas e Estudos em Análise de Discurso Crítica e Linguística Sistêmico-Funcional do Instituto de Letras e Linguística da UFU.

Neste recorte, centramo-nos em uma das categorias analíticas do significado acional (associado ao conceito de gêneros discursivos) proposto por Fairclough (2003): a intertextualidade. Investigamos as vozes da esfera clínica, ou seja, as de psicólogos e psiquiatras, incluídas e atribuídas nos textos e como representam o homossexual e a homoafetividade.

Tendo em vista esse foco, organizamos este artigo em três partes. Na primeira, apresentamos uma visão geral da ADC e discorremos sobre o significado acional. Na segunda, tecemos considerações acerca da homoafetividade. Por último, analisamos o nosso *corpus* de pesquisa.

## 2 ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA: UM CAMPO FÉRTIL DE ESTUDO

Herdeira de uma perspectiva teórica lançada por Fowler et al (1979), intitulada Linguística Crítica<sup>3</sup>, a Análise de Discurso Crítica (ADC) tem seu primeiro momento em 1985, quando Norman Fairclough publica o artigo *Critical and Descriptive Goals in Discourse Analysis*, no *Journal of Pragmatics* (OTTONI, 2007). Mas foi a partir do livro *Language and Power*, escrito por Fairclough (1989), que a ADC teve iniciada sua constituição.

A ADC caracteriza-se como uma abordagem do discurso textualmente orientada (ADTO), ou seja, como “uma proposta de compreensão das práticas sociais na concepção dialética do discurso, envolvendo gêneros discursivos e a construção de sentidos nos textos: ações (gêneros), representações (discursos), identificações (estilos)” (MAGALHÃES, 2004, p. 113).

A ADTO é, segundo Magalhães (2004, p. 113), uma abordagem adequada à análise e compreensão “dos processos sociais relacionados às transformações econômicas e culturais contemporâneas (GIDDENS, 1991; HARVEY, trad., 2000).”, que focaliza a “análise detalhada dos textos como janelas a iluminarem as práticas sociais” (p. 116-117).

Nas palavras de Ramalho e Resende (2011, p. 12), a teoria, de uma forma geral, “refere-se a um conjunto de abordagens científicas interdisciplinares para estudos da linguagem como prática social”. O terreno da teoria, portanto, é composto pelo diálogo entre análise do discurso, proposições sociológicas, políticas e antropológicas e uma teoria linguística, especificamente a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF). A ADC, então, perpassa outros campos do saber e serve de sustentação para estudos críticos da linguagem, entendida como um dos elementos das práticas sociais.

Tendo em vista o foco de nosso recorte neste artigo, teceremos a seguir considerações sobre o significado acional e sobre uma de suas categorias de análise: a intertextualidade.

### 2.2 Significado acional do discurso: a produção, distribuição e consumo do gênero reportagem e a intertextualidade

---

<sup>3</sup> Sobre a Linguística Crítica, ver, por exemplo, Fowler (2004).

Segundo Fairclough (2003, p. 65), o significado acional está associado ao conceito de gêneros como sendo “os aspectos especificamente discursivos de modos de agir e interagir no curso de eventos sociais”. Para o autor, “quando analisamos um texto ou interação em termos de gênero, nós estamos perguntando como ele figura dentro e contribui para a ação social e interação em eventos sociais”.

Nessa concepção, a gama de opções de gêneros existe no nível das práticas sociais, nas redes sociodiscursivas de ordens de discurso, que admitem e constroem processos de significação. Ottoni (2007, p. 35) entende, também, “que os gêneros são definidos pelas práticas sociais a que se relacionam e pela forma como elas são articuladas”.

Marques de Melo (2003, p. 66) define o gênero reportagem, formato dos três textos do nosso corpus, como sendo “o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que já são percebidas pela instituição jornalística”. Seixas (2009) chama a atenção quando diz que o que difere os gêneros notícia e reportagem não é a extensão do texto, mas a sua base. Enquanto a base da notícia é o fato, a base da reportagem é o acontecimento.

Vinculado à prática social jornalística, o gênero reportagem se faz presente na história da revista *Veja*, que atende um público que busca informação, opinião e entretenimento. As indicações para a produção de uma reportagem podem ser encontradas na pauta, primeiro documento de apuração jornalística. A partir dela, faz-se uma apuração mais aprofundada, entrevistas são marcadas, o texto é escrito, revisado e, por fim, publicado. Vale destacar que, devido à periodicidade e complexidade do veículo analisado, os textos são produzidos coletivamente, tornando-se um colcha de retalhos ideológica, estilística e subjetiva.

É de suma importância destacar que esses textos são produzidos por jornalistas. A prática social jornalística é limitada por relações de poder e por estruturas sociais específicas de tal prática. Sendo assim, as publicações de *Veja* são um retrato do que ela defende e do que interessa o seu público leitor. Esse público pode encontrar na revista uma fonte de informação e orientação acerca de como lidar e compreender diversas questões sociais.

Por ser uma descrição ampliada de um acontecimento que já tem repercussão na sociedade, as reportagens constituem uma amostra de como a temática homossexualidade era representada por uma parcela da sociedade e pela revista na época de suas publicações: 2000, 2003 e 2010.

Tão importante quanto os processos de produção, distribuição e consumo, é a forma como são articuladas as vozes das fontes das reportagens, pois, como disse Foucault (1972, p.

98), “não pode haver enunciado que de uma maneira ou de outra não reatualize outros”. Fairclough (2001, p. 114) define a intertextualidade como “a propriedade que têm os textos de ser cheios de fragmentos de outros textos, que podem ser delimitados explicitamente ou mesclados e que o texto pode assimilar, contradizer, ecoar ironicamente, e assim por diante”.

Fairclough (2001, p. 134) destaca o diálogo entre os textos e afirma que

cada enunciado é um elo na cadeia da comunicação. Todos os enunciados são povoados e, na verdade, constituídos por pedaços de enunciados de outros, mais ou menos explícitos ou completos (...) Isto é, enunciados – textos – em meus termos – são inerentemente intertextuais, constituídos por elementos de outros textos.

Estabelecendo uma relação entre intertextualidade e hegemonia, Fairclough (2001, p. 135) observa que “o conceito de intertextualidade aponta para a produtividade dos textos, para como os textos podem transformar textos anteriores e reestruturar as convenções existentes (gêneros e discursos) para gerar novos textos”. Todavia, o autor atenta para o fato de que tal “produtividade na prática (...) é socialmente limitada e restringida e condicional conforme as relações de poder” (p. 135).

Como a categoria da intertextualidade não dá conta sozinha de explicar essas limitações e restrições sociais, é necessário combiná-la com a teoria da hegemonia, ou seja, de relações de poder e de como elas moldam (e são moldadas por) estruturas e práticas sociais.

Os produtores do texto, nesta ocasião, os jornalistas, embutem no trabalho de fazem as suas crenças, valores, ideologias, moldados, logicamente, pelo *habitus* da empresa jornalística em que estão inseridos. O verbo que escolhem para o título, a cor predominante na arte gráfica de reportagem, as vozes que decidem articular ou silenciar, a forma que fazem a entrevista com as fontes, tudo isso indica uma faceta da realidade aos leitores da revista.

Conforme Fairclough (2001, p. 140), “a representação do discurso é obviamente uma parte importante das notícias: representações do que as pessoas disseram e que merece ser notícia”. Para ele, “a representação do discurso é uma forma de intertextualidade na qual parte de outros textos são incorporadas a um texto e explicitamente marcadas como tal, com recursos como aspas e orações relatadas (por exemplo, ‘ela disse’ ou ‘Maria afirmou’)” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 138-140).

### **3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE**

Vista de diversas maneiras ao longo do tempo, a homossexualidade foi considerada doença até 1985. Apenas em 1985, o Conselho Federal de Medicina passou a não considerar a homossexualidade como doença. Entretanto, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) e outras entidades da área não se manifestaram a este respeito até muito recentemente. No ano de 1999, apenas, foi promulgada a resolução 001, que situou os psicólogos sobre as normas de atuação o que se refere às orientações sexuais. Tal prática afetivo-sexual é definida como uma predisposição sexual por indivíduos do mesmo sexo (homens que sentem atração afetiva e sexual por homens e mulheres que sentem atração afetiva e sexual por mulheres). De acordo com Foucault (1990), a extensa história da colonização sobre o preconceito, colocada em prática no imaginário de diferentes sociedades, representou, desde os primórdios, a homossexualidade como uma exceção, como um desvio ou inversão de comportamentos relacionados à sexualidade.

As normas especificam que a homossexualidade não pode ser considerada doença, nem distúrbio e, dessa forma, os psicólogos não poderiam propor cura ou tratamento para a homossexualidade (LACERDA, PEREIRA & CAMINO, 2002). Todavia, a lógica heteronormativa contribui significativamente para a crença de que *gays* precisam “mudar o seu comportamento”, “quererem outra vida”, “deixarem a ‘escolha’ que fizeram”, uma vez que o modelo de sociedade patriarcal oprime os que não seguem as suas determinações. Sobre isso, Louro (2009, p. 90) esclarece:

Supõe-se, segundo essa lógica, que todas as pessoas sejam (ou devam ser) heterossexuais – daí que os sistemas de saúde ou de educação, ou jurídico ou midiático sejam construídos à imagem e à semelhança desses sujeitos. São deles que estão plenamente qualificados para usufruir desses sistemas ou de seus serviços e para receber os benefícios do Estado. Os outros, que fogem à norma, poderão na melhor das hipóteses serem reeducados, reformados (...); ou serão relegados a um segundo plano (...); quando não forem simplesmente excluídos, ignorados ou mesmo punidos. A heteronormatividade só vem a ser reconhecida como um processo social, ou seja, como algo que é *fabricado, produzido, reiterado*, e somente passa a ser problematizada a partir de ação de intelectuais ligados aos estudos de sexualidade, especialmente aos estudos *gays* e *lésbicos* e à teoria *queer* (grifos da autora).

Os atores sociais que não se enquadram na lógica heteronormativa, ainda de acordo com a autora, são excluídos ou reprimidos. Excluídos, quando o Estado não os reconhece como seres humanos iguais aos outros e, por isso, não lhes oferece os mesmos direitos que têm os heterossexuais. Reprimidos, no momento em que a cultura da heteronormatividade opera no sentido de tentar concertar, melhorar ou transformar esses sujeitos.

Tratando, especificamente, da homossexualidade, Sousa Filho (2009) pontua que ela foi vista no decorrer da história de diversas maneiras: como exceção, desvio, inversão, vício,

pecado, crime, doença, perversão, entre outras. Além disso, o autor afirma que, ao longo do processo de colonização do imaginário das sociedades ocidentais, ganhou destaque uma concepção correspondente à naturalização da sexualidade humana. Criou-se, então,

a ideia segundo a qual a heterossexualidade seria *inata* (a natureza daria os exemplos em todas as espécies), sendo então natural e normal, e a homossexualidade seria uma tendência *adquirida*, nem natural nem normal. Indo da opinião popular a pretensas visões científicas, essa ideia da heterossexualidade como inata, constituída na natureza animal da espécie humana, tornaria sem razão de ser qualquer questão sobre sua origem (SOUSA FILHO, 2009, p. 99).

Na sociedade heteronormativa, segundo o autor, as relações heterossexuais, então, estariam definidas biologicamente. Já a homossexualidade, para essa sociedade preconceituosa, seria um “fenômeno” adquirido e que merece ser explorado, investigado, pesquisado para que se descobrisse a sua origem e os seus desdobramentos.

Vista de formas diferentes ao longo da história, entendemos que a disputa ideológica acerca das orientações sexuais ou, mais amplamente, da sexualidade humana, está em vigor. Sousa Filho (2009, p. 102) discorre:

Após o estabelecimento do cristianismo em Roma, ela se tornou passível de condenação à morte em todo o Ocidente cristão até o fim do século XVIII. A partir do século XIII, a homossexualidade passou a ser objeto da aplicação de penas comparadas às que eram impostas aos crimes de heresia e lesa-majestade. Nos textos da prática jurídica desse tempo, a homossexualidade estava associada à bestialidade. Certas cidades, como Bolonha, tinha leis próprias no início do século XIII, a pena era o banimento perpétuo. Em Florença, para o caso de reincidência, o ‘crime’ era punido com a fogueira. A Alemanha, em 1871, tinha disposições legais para reprimir a homossexualidade masculina, modificadas somente em 1969. No Reino Unido, ainda em 1885, leis estabeleciam penas de prisão para homens que praticassem relações homossexuais. Leis revogadas apenas entre 1967 e 1982. Na Rússia, antes da revolução socialista de 1917, as penas eram leves e raras as perseguições; com Stalin no poder, foram previstas penas de prisão. Na França, a restrição legal introduzida em 1942, reprimia relações homossexuais (...) somente foi abolida em 1982. Irã, Sudão, Zimbábue e Iraque, entre outros, conservam a pena de morte para o que consideram ‘crime de homossexualismo. No Brasil, os homossexuais foram difamados e perseguidos pela Inquisição em processos que começaram já no século XVI e seguiram até o século XVIII.

Podemos observar, a partir desse percurso histórico traçado pelo autor, que o tratamento dado aos homossexuais foi sempre bastante hostil. Nesse sentido, sustentamos nesta pesquisa que o preconceito contra homossexuais foi construído social, histórica, cultural e discursivamente. Como a Análise de Discurso Crítica objetiva analisar, justamente, as transformações sociais, as formas de dominação utilizadas pelos grupos hegemônicos – via ideologia – para a manutenção de poder e normas já introjetadas, como a

heteronormatividade, ela se mostra uma abordagem adequada e relevante para nosso estudo.

#### **4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A metodologia de pesquisa é baseada nos pressupostos da pesquisa qualitativa (BAUER & GASKELL, 2002) e da Análise de Discurso Crítica – enquanto teoria e método - (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2001, 2003).

Trilhamos o seguinte caminho para a execução desta pesquisa: a) revisão, fichamentos e discussão da literatura, atividade que foi executada durante toda a pesquisa; b) digitalização das três reportagens e leitura pormenorizada delas; c) elaboração de capítulo teórico; d) seleção das categorias analíticas, tendo em vista o material e os objetivos. São elas: intertextualidade, associada ao significado acional; interdiscursividade, associada ao significado representacional; e os recursos visuais que atuam na representação e identificação; d) análise dos textos; e) organização dos dados referentes às análises; f) redação final da pesquisa.

Neste recorte analiso a intertextualidade, especificamente as vozes da esfera clínica, para a representação e identificação do homossexual e da homoafetividade. Outras vozes também foram analisadas nesta categoria, como as dos próprios homossexuais e de seus familiares.

Como dissemos, o *corpus* de nossa pesquisa é constituído de três reportagens especiais de capa da revista Veja: “Pai, eu sou gay”, “A força do arco-íris”, “A geração tolerância”, de 2000, 2003 e 2010, respectivamente.

#### **O/A HOMOSSEXUAL COMO SUJEITO CLÍNICO: AS VOZES DA PSICOLOGIA E DA PSIQUIATRIA**

Segundo Foucault (1990), as sociedades ocidentais foram as primeiras que, na modernidade, instituíram a homossexualidade como um problema clínico e os homossexuais como sujeitos clínicos. O autor acredita que o que consideramos “sexualidade” é um produto histórico de um discurso sobre a temática, uma invenção histórica tardia – século XIX. Esse produto histórico – a sexualidade – seria regulado por um “dispositivo da sexualidade”, instituído, sobretudo, pela Igreja Católica.

Talvez pelo fato de os homossexuais terem sido tratados como sujeitos clínicos, sejam recorrentes vozes da psicologia ou da psiquiatria nas reportagens analisadas. Essas vozes contribuem para a construção da homoafetividade atrelada à Aids (ver excerto 01), a algo que gera desconforto (ver excerto 02) e a influências biológicas, psicológicas e socioculturais (ver excerto 03):

**Excerto 01:** “‘É difícil achar um lado bom da Aids, mas a doença levou as famílias a tratar da sexualidade com mais clareza’, comenta a psiquiatra Carmita Abdo, coordenadora do Projeto Sexualidade da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (p. 106, rep. 01, ano 2000);

**Excerto 02:** “‘Imagine uma pessoa contando que gosta de apanhar durante o ato sexual. Ia virar motivo de comentários do tipo ‘lá vem aquele que gosta de umas palmadas’”, diz o psicólogo Hugues França Ribeiro, da Universidade Estadual Paulista, especialista no atendimento de jovens homossexuais’ (...) ‘De um certo modo, o mesmo acontece com os gays. Quando contam que gostam de pessoas do mesmo sexo, já se pode visualizar uma cena. E isso é desconfortável para os seus amigos e parentes’”(p. 108, rep. 01, ano 2000).

**Excerto 03:** “‘A tese mais aceita atualmente é a de que a orientação sexual é resultado de influências biológicas, psicológicas e socioculturais, sem um peso maior para uma ou outra’, diz a psiquiatra Carmita Abdo, coordenadora do Projeto Sexualidade da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (p. 109, rep. 01, ano 2000).

Algumas vozes de psicólogos enfatizam a relação filho homossexual e pais, especialmente algumas causas e consequências da revelação da orientação afetivo-sexual do filho para os pais. As psicólogas Rosely Sayão e Ceres Alves de Araújo mostram a importância, para os filhos, do amor dos pais, conforme excertos 04 e 05, e como os homossexuais sofrem restrições, conforme excertos 06 e 07:

**Excerto 04:** “‘Ao expor toda sua vida privada, toda sua sexualidade ao pais, os filhos estão quase pedindo uma autorização para exercê-la’, afirma a psicóloga Rosely Sayão. ‘A revelação não é um grito de independência. É de dependência. É como dizer: ‘Eu sou assim’, ‘Eu faço isso e você vai ter de gostar de mim’” (p. 110, rep. 01, ano 2000);

**Excerto 05:** “‘Durante a infância, os filhos vivem para agradar aos pais. Quando decidem contar que são gays, os jovens estarão desagradando profundamente a eles. E o fazem para checar em último grau se aquele amor é de fato mais forte que o preconceito’, diz a psicóloga paulista Ceres Alves de Araújo” (p. 110, rep. 01, ano 2000);

**Excerto 06:** “‘É agressivo ver alguém diferente de você e mais agressivo ainda se isso passa pela sexualidade’, afirma a psicóloga Carmita Abdo” (p. 110, rep. 01, ano 2000);

**Excerto 07:** “Com tantas limitações, os homossexuais com coragem suficiente para enfrentar olhares de desaprovação e piadinhas de mau gosto podem ser considerados sobreviventes’, diz a psicóloga Ceres de Araújo (p. 111, rep. 01, ano 2000);

Contar para os pais que é gay seria um ato de dependência, como diz Rosely Sayão no excerto 04 e o/a homossexual estaria se submetendo à “sabatina familiar” porque busca a prova do amor dos pais, mesmo que isso os desagrade profundamente, como aponta o excerto 05.

A conexão extrema entre o/a homossexual e a sua família – trazida pelas vozes da psicologia e psiquiatria na primeira reportagem – parece-nos contribuir para a construção da ideia de que a homoafetividade é um problema que causa, inclusive, agressividade, como diz o excerto 06. E, sendo um problema, precisa ser resolvido, primeiramente, no seio familiar. Os homossexuais que fazem uma “conta psicológica” e decidem expor tudo para as suas famílias e, após, para a sociedade, seriam verdadeiros sobreviventes, como diz Ceres de Araújo no último excerto.

No que diz respeito às vozes da psicologia e da psiquiatria tecidas na segunda reportagem, podemos dizer que elas constroem a ideia de que é difícil ser homossexual, pois isso não vem de uma escolha lógica (ver excerto 08). E, justamente, por não vir de uma escolha lógica, os homossexuais passam por fases até atingirem a plena aceitação (ver excerto 09) e são rejeitados por serem considerados diferentes (ver excertos 10 e 11):

**Excerto 08:** “Se a sexualidade dependesse de uma escolha puramente racional, as pessoas não seriam gays’, afirma a psicóloga Carmita Abdo, de São Paulo” (p. 75, rep. 02, ano 2003);

**Excerto 09:** “Essa etapa ligada ao autoconhecimento, é longa e profundamente desgastante’, afirma a psicóloga paulista Ceres Alves de Araújo. ‘Então, vencida essa fase, vem a preocupação clássica do que os outros vão pensar’, conclui Ceres” (p. 76, rep. 02, ano 2003);

**Excerto 10:** “Rejeitamos tudo o que consideramos diferente. Isso faz parte do natural comportamento intolerante do indivíduo’, afirma Alexandre Saadeh, psiquiatra do Projeto Sexualidade do Hospital das Clínicas de São Paulo” (p. 78, rep. 02, ano 2003);

**Excerto 11:** “Para muita gente, aquela pessoa querida mudou a orientação sexual especialmente para nos atingir’, afirma a psicóloga Ceres” (p. 78, rep. 02, ano 2003);

No excerto 08, a psicóloga afirma que ninguém decide – racionalmente – ser homossexual. Muito possivelmente a afirmação foi feita levando em consideração a discriminação que os homossexuais sofrem em nosso país, onde a homofobia se destaca entre

os diferentes tipos de preconceito. Por isso, a etapa da aceitação do indivíduo homossexual talvez seja a mais conturbada, como outra psicóloga afirma, no excerto 09.

Para o psiquiatra Alexandre Saadeh, no excerto 10, rejeitamos tudo o que consideramos diferente. Infere-se aqui que os homossexuais são representados como diferentes e, por isso, rejeitados.

As vozes da esfera clínica presentes na primeira reportagem constroem uma representação do/a homossexual como um indivíduo que não fez uma escolha puramente racional com relação a sua orientação sexual, que passa por uma fase de autoconhecimento e autoaceitação, que vivencia conflitos por se preocupar com a opinião dos outros, que é rejeitado e que, em algum momento, deixou de ser heterossexual apenas para atingir o outro.

No que concerne às vozes clínicas presentes na terceira reportagem, podemos dizer que elas são poucas e consideram o preconceito sofrido pelos homossexuais como algo já solucionado na atual conjuntura, que conta com a “geração tolerância” que, segundo a revista, acha “antiquado” ter preconceito com as diferentes manifestações identitárias (ver excerto 12). Além disso, considera a geração atual mais informada e esclarecida para lidar com a multiplicidade, com a pluralidade (ver excerto 13):

**Excerto 12:** “À frente do levantamento, o psicólogo americano RitchSavin-Williams, autor do livro *The New Gay Teenager* (O Novo Adolescente Gay), resumiu a VEJA: ‘O peso de sair do armário já não existe para os jovens gays do Ocidente: tornou-se natural’” (p. 108, rep. 03, ano 2010);

**Excerto 13:** “‘À medida que as pessoas se educam e se informam, a tendência é que se tornem também mais intransigentes com o preconceito e encarem as questões à luz de uma visão menos dogmática’, diz a psicóloga LulliMilman, da Uerj” (p. 110, rep. 03, ano 2010);

Apesar dos dois excertos acima evidenciarem uma significativa mudança da sociedade no que tange o tratamento aos homossexuais, vale lembrar que muitos homossexuais ainda são perseguidos e mortos em diversos países do ocidente, inclusive no Brasil, país da revista Veja. Logicamente, pode ser que a situação dos homossexuais tenha modificado em outros países com contexto histórico, econômico, político e social diferente do nosso.

Na primeira reportagem, as vozes clínicas representam o/a homossexual como um indivíduo que passa constantemente por situações de desconforto que só cessarão caso eles contem a verdade para suas famílias. Na segunda, o/a homossexual é representando como alguém que passa por situações complexas de autoaceitação e autoconhecimento e intolerância por parte da sociedade. Na terceira, a orientação sexual já não é mais objeto de

discriminação. A sociedade, segundo a revista, está tolerante e já entende e “tolera” a homossexualidade.

Algo que vale destacar é a repetição de fontes em duas de três reportagens analisadas (anos 2000 e 2003). Ceres Alves de Araújo e Carmita Abdo colaboram significativamente para as reportagens, já que nelas estão contidas vários trechos de entrevistas das duas psicólogas. De acordo com Erbolato (1978), no que se refere às técnicas de codificação no jornalismo, a variedade de fontes enriquece o texto jornalístico, além de oferecer ao leitor diferentes ângulos de uma mesma temática e maiores possibilidades de interpretação.

## 5 CONCLUSÃO

Propusemo-nos, nesse artigo, a investigar as vozes da esfera clínica incluídas e atribuídas especificamente e como representam o homossexual e a homoafetividade em três reportagens especiais da revista *Veja*. Para isso, apoiamo-nos em pressupostos da Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2001, 2003; CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999) e realizamos um estudo com a categoria intertextualidade.

A análise da recontextualização das vozes de psicólogos e psiquiatras nas três reportagens contribui para desvelar a defesa, por parte dos produtores das reportagens especiais, de uma evolução geracional direcionada para uma atitude de aceitação da homoafetividade.

Nesse sentido, há uma construção de uma representação da homoafetividade como natural e não mais como um problema, nos tempos atuais, o que implica fim de conflitos e de preconceitos experimentados por gerações anteriores. Dessa forma, projeta-se uma representação que não condiz com o real e que camufla problemas graves ainda em evidência em nossa sociedade, pois ainda assistimos a muitos crimes de ódio que fazem como vítimas os homossexuais.

Temos clareza de que a análise apresentada não disse tudo que existe nos textos e que não esgotamos tudo que há para ser dito sobre a temática de nossa pesquisa. Como afirma Ottoni (2007), muitas lacunas estão aí para serem preenchidas por investigações que possam ser desenvolvidas a partir desta, mas esperamos que nosso estudo possa contribuir positivamente para que eleitoras/es e pesquisadoras/es percebam como os homossexuais são representadas em textos veiculados na mídia brasileira e possam questionar as representações neles construídas.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUER, M. W.; GASKELL, G. (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Trad.: P. A. Guareschi. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in Late Modernity: Rethinking Critical Discourse Analysis**. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1999.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Mudança Social**. Coord. e pref. à ed. bras. I. Magalhães. Trad. Magalhães *et al.* Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2001.

\_\_\_\_\_. **Analysing Discourse: Textual Analysis for Social Research**. Londres e Nova York: Routledge, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Petrópolis Lisboa. Vozes Centro do Livro Brasileiro, 1972.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: GRAAL, 1990.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago: 1972 (Obras Completas, v. XVI (Ed. or.: 1916).

LACAN, Jacques. **O seminário 5: As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LACERDA, M., PEREIRA, C., & CAMINO, L. Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 15(1), 165-178, 2002.

LOURO, G. L (Org.). **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MAGALHÃES, I. Teoria Crítica do Discurso e Texto. **Linguagem em (Dis)curso - LemD**, Tubarão, v. 4, n.esp, p. 113-131, 2004.

MARQUES DE MELO, J. **História do Pensamento Comunicacional**. São Paulo: Paulus, 2003.

MOTTA, L. Gonzaga (org). **Imprensa e poder**. Brasília: editora Universidade de Brasília – Coleção Comunicação, 2002.

MAUTNER, G. Analyzing newspapers, magazines and others print media. *In: Qualitative discourse analysis in the social sciences*. Londres: Palgrave Macmillan, 2008.

OTTONI, M. A. R.. **Os gêneros do humor no ensino da Língua Portuguesa: uma abordagem discursiva crítica.** 2007. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

RAMONET, Ignacio. **A tirania da comunicação.** Tradução de Lúcia M. E. Orth. Petrópolis: Vozes, 1999.

SEIXAS, Lia. **Por uma outra classificação:** gêneros discursivos jornalísticos e gêneros discursivos jornalísticos. *Galáxia (PUCSP)*, v. 9, p. 70-84, 2009.

SULLIVAN, Andrew. **Praticamente normal:** uma discussão sobre o homossexualismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1996 (Ed. Or.: 1995).

SUPLICY, Marta. **Conversando sobre sexo.** Petrópolis: Vozes, 2003.

WODAK, R. & MEYER, M. **Methods of critical discourse analysis.** Londres: Sage, 2001.

WODAK, Ruth. Do que trata a ACD – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. In: **Revista Linguagem em (Dis)curso**, volume 4, número especial, 2004.